

## **Por que a Psicanálise no Brasil ? Do sincretismo cultural ao colapso do individualismo liberal**

Christian Ingo Lenz Dunker  
University of Sao Paulo (USP) - Brazil  
chrisdunker@uol.com.br

### **Resumo**

Roudinesco (1995) postulou alguns critérios para entender a disseminação cultural da psicanálise. A implantação cultural da psicanálise indica as formas particulares pelas quais a psicanálise é absorvida em complexos discursivos (Parker, 1999) em uma dada sociedade. Os critérios de Roudinesco são (a) uma sociedade não totalitária (b) deslocamento da interpretação mágico-religiosa dos distúrbios mentais para uma interpretação psiquiátrica. O problema aqui reside na complexidade cultural brasileira diante destes critérios. Mesmo que o sincretismo cultural tenha sido usado por alguns antropólogos para definir a cultura brasileira (Damatta, Freire) ele não é uma categoria apenas descritiva. Alguns sociólogos (Ortiz) definem a sociedade brasileira como uma sociedade que não assimilou integralmente a ideologia liberal, nem em termos políticos nem econômicos. Esta comunicação argumenta que o sincretismo cultural e a incompleta assimilação da ideologia liberal precisam ser incluídos como critérios para entendermos a assimilação cultural da psicanálise no Brasil.

Palavras-chave: individualização, psicanálise, sincretismo

Por que el Psicoanálisis en el Brasil? Del sincretismo cultural al colapso del individualismo liberal

### **Resumen**

Roudinesco (1995) postuló algunos criterios para entender la diseminación cultural del Psicoanálisis. La implantación cultural del psicoanálisis indica las formas particulares por las cuales el psicoanálisis es absorbido en complejos discursivos (Parker, 1999) en una determinada sociedad. Los criterios de Roudinesco son (a) una sociedad no totalitaria (b) desplazamiento de la interpretación magico-religiosa de los disturbios mentales para una interpretación psiquiátrica. El problema aquí reside en la complejidad cultural frente a estos criterios. Si el sincretismo cultural ha sido usado por algunos antropólogos para definir la cultura brasilera (Da Matta, Freire), no quiere decir que sea una categoría solamente descriptiva. Algunos sociólogos (Ortiz) definen a la sociedad brasilera como una sociedad que no asimiló integralmente la ideología liberal, ni en términos políticos ni económicos. Esta comunicación argumenta que el sincretismo cultural y la incompleta asimilación de la ideología liberal precisan ser incluídos como criterios para que entendamos la asimilación cultural del psicoanálisis en el Brasil.

Palabras-llave: individualización, psicoanálisis, sincretismo.

## **Why is there Psychoanalysis in Brazil ? from cultural syncretism to liberal collapse of individualization**

### **Abstract**

Roudinesco proposed certain criteria to understand the cultural dissemination of psychoanalysis. The cultural dissemination of psychoanalysis indicates the particular ways by which psychoanalysis is absorbed in discursive complexes (Parker, 1999) at a certain

society. Roudinesco's criteria for achieving this are: (a) not totalitarian society and (b) displacement of the animist-religious interpretation of mental disorders into psychiatric interpretation of it. The problem is that the Brazilian complexity culture to deal with those criteria. Although cultural syncretism is used by some anthropologists to define Brazilian culture (Damatta, Freire), the process of syncretism is not only a descriptive category. Some sociologists (Ortiz) define Brazilian society as a society that has not fully assimilated liberal ideology, in politics as well as in economics. This paper argues that cultural syncretism and the incomplete assimilation of liberal ideology should be included in the criteria proposed by Roudinesco to comprehend the cultural dissemination of psychoanalysis in Brazil.

Key Words: individualization, syncretism, psychoanalysis

## **Por que a Psicanálise no Brasil ? Do sincretismo cultural ao colapso do individualismo liberal**

Christian Ingo Lenz Dunker

### **1. Um Breve Retrato**

A psicanálise no Brasil teve um grande impulso a partir da década de 1970. Principalmente a partir do período conhecido como “a abertura”, momento de redemocratização do país, que só encontrou seu término nos últimos anos. Durante a “abertura” assistimos à expansão de três perspectivas hoje majoritárias no país: a psicanálise crítica (ligada ao marxismo e à esquerda católica), a psicanálise inglesa de Klein a Bion e Winnicott e a psicanálise lacaniana. A extensiva presença da psicanálise na cultura e na sociedade brasileira é um fato bastante intrigante se consideramos nossa posição periférica na geopolítica intelectual de nossa época.

Do ponto de vista da filiação acadêmica já se assinalou nossa avidez em importar idéias, principalmente da Europa. Teorias que se notabilizam como idéias fora de lugar<sup>1</sup>, isto é, engendram debates, geram sistemas de interpretação e influenciam políticas públicas sem que ao mesmo tempo se coloque, agudamente, sua adequação ao contexto nacional. Do ponto de vista da importação de práticas sociais nossa tradição parece mais alinhada aos Estados Unidos, sobretudo na economia orientada para o consumo e no aprofundamento político de um liberalismo jamais consumado. Neste sentido a psicanálise sempre esteve associada aos projetos intelectuais de resistência e reflexão sobre a identidade nacional, como o modernismo antropofágico dos anos 20 e às vanguardas da década de 60: o tropicalismo na música, o concretismo na poesia e o cinema novo. Ao mesmo tempo é uma característica da psicanálise brasileira sua presença nas instituições.

---

<sup>1</sup> Schwartz, R. – Nacional pó subtração, in Que Horas São ? Companhia das Letras, São Paulo, 1999.

Isso ocorre desde sua influência sobre os pioneiros da psiquiatria, passando pelo seu papel estratégico na abertura dos cursos de psicologia na década de 70 e chegando à extensiva presença atual nos hospitais gerais, nas escolas, no sistema judiciário e até mesmo nas empresas. Sem dúvida a psicanálise é hoje a forma de psicologia mais organizada e influente em um país com quase 120 mil psicólogos. Isso não se restringe à psicologia clínica que é a área majoritária de atuação (45.5% apenas em consultório particular<sup>2</sup>). A psicanálise tem um papel importante na psicologia social, na psicologia educacional, na semiótica e na filosofia brasileiras. Ressalte-se que a psicologia é uma carreira extremamente procurada e a proliferação de cursos é um problema importante no contexto atual. Na década de 80 mais pesquisadores brasileiros fizeram mestrado e doutorado em psicanálise, fora do país, subsidiados pelo governo, do que agrônomos ou físicos nucleares.

O Brasil é um país onde tanto a teoria psicanalítica, quanto à prática concreta da psicanálise e ainda o desenvolvimento de associações psicanalíticas se dá em níveis dissonantes e contrastantes para o que se poderia esperar. Somos *consumidores pesados*<sup>3</sup> de psicanálise. Como isso se tornou possível ? Seria isso desejável ?

## 2. O Sincretismo Cultural

Roudinesco<sup>4</sup> postula a existência de duas condições necessárias para a implantação da psicanálise em um país: a constituição de um saber psiquiátrico que exclua a possessão e a origem divina dos transtornos mentais e a existência de um Estado de direito capaz de garantir a livre associação de cidadão. Há uma certa heterogeneidade entre o critério cultural do saber psiquiátrico e o critério social da livre associação. Examinaremos estas duas condições para tentar entender a especificidade e a excepcionalidade do caso brasileiro. Espero que este exercício possa contribuir para o entendimento mais genérico do lugar social da psicanálise.

O primeiro postulado de Roudinesco traça uma clara linha divisória entre saber psiquiátrico e interpretação mágico-religiosa do sofrimento psíquico. Este postulado pressupõe a inscrição da psicanálise na tradição moderna e iluminista da racionalidade ocidental que afirma o caráter laico e emancipatório do saber. Este postulado presume ainda uma certa homogeneidade do que se entende por saber mágico-religioso principalmente nas conseqüências deste saber para os processos de subjetivação e de sociabilidade envolvidos em uma cultura. Uma cultura onde o saber mágico religioso é

---

<sup>2</sup> Fonte Conselho Federal de Psicologia - [http://www.pol.org.br/publicacoes/pdf/Pesquisa\\_WHO.pdf](http://www.pol.org.br/publicacoes/pdf/Pesquisa_WHO.pdf)

<sup>3</sup> in Figueira, S. – O Contexto Social da Psicanálise, Francisco Alves, São Paulo, 1981.

<sup>4</sup> Roudinesco, E. – Genealogias, Relume Dumará, Rio de Janeiro, 1999:62.

hegemônico corresponderia, segundo a hipótese de Lacan<sup>5</sup>, a um universo simbólico organizado ao modo de uma esfera ou de um toro, com um ponto central teológico ou comunitário em seu centro. Tal organização prescreve, por exemplo, a correlação ponto a ponto entre macro e micro cosmos. A descoberta cartesiana introduziria, para Lacan, uma torção neste modo de organização, transformando a esfera em uma garrafa de Klein, descentrando o universo e ejetando o sujeito. Daí a tese de que o sujeito da psicanálise é o sujeito dividido mas também é o sujeito que a ciência expulsou ao se fundar como tal.

Esta homogeneidade em torno de um centro simplesmente não parece ocorrer se olharmos para o contexto brasileiro das práticas religiosas e por extensão culturais. Do confronto entre o catolicismo herdado da colonização portuguesa com a religiosidade africana, proveniente do processo massivo de escravização, não houve englobamento ou exclusão entre uma e outra, mas uma terceira possibilidade: o sincretismo. Por exemplo, uma entidade marinha e aquática, como Iemanjá, cultivada na cultura Yorubá, foi incorporada ao imaginário religioso católico sob a forma de Santa Bárbara. Os ritos africanos foram proibidos, mas, como se verá a seguir, proibir algo no contexto da cultura brasileira é menos uma questão de obediência e crença e mais uma questão de negociação e flutuação contextual. Ou seja, os portugueses sabiam que os escravos cultivavam Santa Bárbara como uma espécie de deslocamento (*Ersatz*) de Iemanjá, mas desde que a aparência católica fosse preservada isso se tornava tolerado. Isso não é surpreendente. É apenas uma forma de tolerância própria de certos modos de dominação prescritos em Maquiavel. O movimento sincrético se dá no momento seguinte onde o próprio colonizador passa, ele também, a freqüentar o culto africano, após por exemplo, sair de uma missa católica. Sua crença torna-se uma crença dividida, mista ou combinada.

### 3. O Contra-Liberalismo Social

Este polimorfismo da crença encontra extensão em diversos outros aspectos que afinal serviram de base para os principais teóricos da identidade brasileira. Nossa literatura se firma com um mestre da ironia<sup>6</sup>. Nossa sociabilidade está condensada na figura do *homem cordial*, ou seja, polidez sem ritual, reverência sem distanciamento, fraternidade sem compromisso<sup>7</sup>. Nossas relações étnicas já foram descritas como a de uma *democracia racial*, com grande miscigenação, casamentos e alianças inter-raciais. Nossa população é tendencialmente mulata, o que não exclui formas mais astuciosas de discriminação e

---

<sup>5</sup> Lacan, J. – Crucial problems for Psychoanalysis (1964-1965), translated by Cormac Gallagher, not edited.

<sup>6</sup> Candido, A – Formação da Literatura Brasileira, Itatiaia, Belo Horizonte, 1981.

<sup>7</sup> Holanda, S.B. – Raízes do Brasil, Companhia das Letras, São Paulo, 1995.

menos propensa à organização de minorias<sup>8</sup>. Nossa economia política é historicamente uma sucessão de práticas que se utilizam do contra-imperialismo para manter o imperialismo ou, de regramento formais para manter a informalidade<sup>9</sup>. Finalmente nossa experiência subjetiva está atravessada por um reviramento constante entre o espaço público e o espaço privado. A casa, alegoria do espaço familiar comunitário, é também habitada por regras e formas de circulação próprias do universo público, assim com a rua, alegoria do espaço político, está continuamente atravessada por práticas, dispositivos e discursos próprios ao espaço privado<sup>10</sup>. O que se reflete no uso contínuo da coisa pública em benefício privado, causa maior de nossa corrupção endêmica<sup>11</sup>.

Por toda parte o sincretismo cultural parece dar às mãos a práticas sociais que parecem subverter premissas muito caras ao individualismo liberal. Chegamos assim ao segundo postulado de Roudinesco: liberdade associativa e Estado de direito. O contra exemplo que ela emprega é naturalmente o as sociedades totalitárias. Este, como o anterior, é um critério negativo, explica porque não se dá a psicanálise em um lugar. Procuramos para o caso brasileiro a face positiva extraída destes dois critérios ou seja, por que, onde a psicanálise pode parecer altamente improvável, observamos sua proliferação ?

A resposta baseada no caso brasileiro aponta para dois traços que formam contingências favoráveis à disseminação da psicanálise. O *sincretismo* permite que a psicanálise não seja absorvida apenas como mais uma modalidade científica de tratamento das doenças mentais, mas também como um elemento a ser devorado pelo sistema de crenças polimórficas. A implantação imperfeita de um modo sócio político de extração liberal realiza uma segunda rede de condições: uma sociabilidade que exige elevado nível de *auto-ironização*, na qual as regras e rituais não são seguidos por seu valor de face manifesto pois tem sempre um *contra sentido latente*, tomado como constitutivo do laço social. Um modo de subjetivação para o qual a diferença e a alteridade está, admitidamente, reconhecida como *potencial de gozo* e que por isso confunde, calculadamente, espaço público e privado em uma *transferência ambígua* e permanente.

#### **4. A Hipótese Liberal: a Paródia do Pai Simbólico**

Estou sugerindo, com este desenvolvimento, que a permanência de um sincretismo mágico-religioso, no âmbito da interpretação do sofrimento psíquico, e a desconfiança diante das liberdades oferecidas no âmbito de um Estado de direito, são condições

---

<sup>8</sup> Freyre, G. – Casa Grande e Senzala, Record, Rio de Janeiro, 1989.

<sup>9</sup> Prado Jr. C. – História Econômica do Brasil, Brasiliense, São Paulo, 1994.

<sup>10</sup> Da Matta, R. – A Casa & a Rua, Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 1991.

<sup>11</sup> Fonseca, E.G. – Vícios Privados, Benefícios Públicos – a ética na riqueza das nações, Companhia das Letras, São Paulo, 1994.

importantes, senão decisivas, para a disseminação da psicanálise. Isso ocorre porque dadas tais condições o modo de subjetivação *suposto* pela psicanálise ajusta-se ao modo de subjetivação *prescrito* pela psicanálise. Ou seja, o trabalho de recordação, elaboração e simbolização oferecido pelo tratamento analítico, de certo modo, está exigido pelos próprios complexos discursivos vigentes na cultura.

Um argumento recorrente para entender o surgimento da psicanálise, na Viena da virada do século, afirma que esta surge da desestabilização da posição do pai no interior da família burguesa<sup>12</sup>. Torna-se então compreensível o nascimento de um projeto clínico orientado para a reconstrução desta relação. O progressivo declínio da imago paterna, segundo a tese de Lacan<sup>13</sup>, tenderia a substituir as neuroses clássicas, baseadas no recalçamento, por neuroses de caráter, baseadas na sedimentação de identificações. A crise em torno da dissociação entre *figura e função* paterna seria assim uma condição necessária para a aparição da psicanálise. Horkheimer<sup>14</sup> mostrou que esta crise, longe de ser um episódio do século XIX, é coextensiva ao próprio nascimento da modernidade e sua insubmissão a qualquer forma de autoridade pessoal intrínseca. O liberalismo e suas inúmeras vertentes individualistas são sempre uma tentativa de legitimar esta separação.

Já se observou que a representação paterna brasileira está muito distante daquela para a qual a psicanálise supostamente foi historicamente talhada. O cinismo é o modo de relação prevalente com qualquer instância simbólica. A hipótese baseia-se no fato de que o colonizador, no caso do Brasil, manteve apenas e tão somente uma relação de exploração com a terra que vinha a habitar. O colono por sua vez não podia estabelecer uma filiação simbólica ao colonizador pois era tomado apenas como meio de gozo. A função paterna vale então pelo gozo que promete e está conseqüentemente condenado a exhibir, comprometendo os laços de filiação e prejudicando qualquer projeto que se assente em uma ética da renúncia, tal qual a da psicanálise<sup>15</sup>. Em suma o Brasil sofre de um complexo de falso pai, de uma paródia crônica de figuras que se apresentam como usurpadores de uma função.

Há uma lei conhecida por todo brasileiro que afirma que “*O importante é levar vantagem em tudo ... certo ?*”. É uma alegoria da relação do brasileiro com a lei. Não há quem não diga que ela é a expressão maior de como funciona o “Brasil real”, ou seja, à base de um *contra-sentido latente*. Essa lei foi “promulgada” em uma propaganda de cigarro na qual um dos heróis da conquista do tricampeonato mundial de futebol, em 1970, incitava as vantagens aferidas por alguns centímetros a mais de tabaco, sem aumento no

---

<sup>12</sup> Sanctner, E. – A Alemanha de Schreber, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1997.

Roudinesco, E. – A Família em Desordem, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2002.

<sup>13</sup> Lacan, J. - Complexos Familiares, Outros Escritos, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2003.

<sup>14</sup> Horkheimer, M. – Eclipse da Razão, Labor, Rio de Janeiro, 1976.

<sup>15</sup> Calligaris, C. – Hello Brasil, Escuta, São Paulo, 1992.

preço. Ou seja, é possível ganhar sem pagar. A mensagem incluía ainda um sorriso de picardia e ironia, típico da imagem “malandra” com a qual o brasileiro se identifica. As reticências seguidas de um pedido de assentimento (“... certo) são a expressão do que chamei anteriormente de *auto-ironização*.

Nesta medida a demanda prevalente em torno da qual se erigiu a expansão psicanalítica não era uma demanda por libertar-se dos grilhões paternos mas por instituir um pai que pudesse funcionar como tal. Isso explica tanto o caráter conservador da psicanálise que se identifica com esta demanda quanto o caráter crítico da psicanálise que se aproveita desta contingência para aprofundar o paradoxo estrutural do pai em psicanálise. Toda a questão passa a ser como manter o processo de auto-ironização e de contra-sentido sem que este se prolongue em cinismo e prática efetivas de exploração de todos contra todos.

## **5. A Hipótese Sincrética: a Domesticação do Gozo Imaginário**

Uma segunda linha de argumentação acerca da implantação da psicanálise sugere que ela responda a um deslocamento dos dispositivos de repressão da sexualidade. Para Foucault<sup>16</sup> a psicanálise nasce de um desdobramento da prática da confissão, capaz de separar e reunir o sistema de aliança ao dispositivo da sexualidade. A *criança*, a *mulher*, o *perverso* e a *mãe* seriam as figuras chaves pelas quais a verdade do sujeito progride rumo a sua localização na sexualidade. Ora, a hipótese simplesmente não se aplica ao caso brasileiro. Uma pesquisa comparativa minuciosa sobre a arqueologia da psicanálise no Brasil<sup>17</sup> mostrou que a prática da confissão neste país nunca passou de uma espécie de paródia. Há relatos queixosos dos emissários da Inquisição afirmando que os brasileiros descrevem seus excessos sexuais, mas apenas isso: *descrevem*. Não há meandros de culpa, hesitações subjetivantes, reflexões morais sedimentadas na complexidade da substância carnal.

Há trabalhos que procuram mostrar a importância do olhar do outro, do olhar estrangeiro como estruturante da fantasia de Brasil<sup>18</sup>. Ou seja, à falta de um significante unário, fundador, que nos poderia sustentar em uma diferença, pela função do que Lacan chamou de Nome-do-Pai, apela-se para o que o outro demanda: exotismo, sexo livre, erotização do racismo, gozo masoquista na submissão. Isso pode funcionar para entender o

---

<sup>16</sup> Foucault, M. – História da Sexualidade – a vontade de saber – Vol I, Graal, Rio de Janeiro, 1988.

<sup>17</sup> Tadei, E.M. – Uma Arqueologia da Psicanálise no Brasil, Dissertação de mestrado, Universidade São Marcos, São Paulo, 2000.

<sup>18</sup> Souza, O. - Fantasia de Brasil, Escuta, São Paulo, 1994.

caráter precário mas consistente da identificação no laço social brasileiro, mas isso não explica porque a psicanálise seria necessária neste mesmo contexto.

Voltemos ao tema do sincretismo. Vimos que ele é uma alternativa às práticas de englobamento, pelas quais uma cultura domina outra gerando efeitos de resistência e reforçando os laços identitários das minorias reativas. O sincretismo não é o mesmo que o ecletismo ecumênico presente na religiosidade pós-moderna. Não se trata de compor um ideário de crenças de ocasião em uma mistura anódina. No sincretismo duas crenças independentes e autônomas são praticadas ao mesmo tempo sem que seus pontos de contradição sejam expostos ao colapso. É o que Freud<sup>19</sup> descreveu com a noção de *Verleugnung* (Renegação), ou seja, sei que dois fragmentos de realidade psíquica são incompatíveis mas ajo como se não fossem. Ora, se isso se aplica temos uma segunda linha de argumentação que faria supor uma ampla dificuldade para a implantação cultural da psicanálise no Brasil. Não quero sugerir que o laço social brasileiro seja de tipo perverso ou fetichista, como já se argumentou mais de uma vez, mas apontar que a contingência em questão mostra como a tese, também de Foucault<sup>20</sup>, de que a psicanálise partilha da hipótese repressiva, não é necessariamente universal. Pelo contrário a psicanálise no Brasil parece estar mais à serviço da estilística da existência e da intensificação dos prazeres.

Noto em meus pacientes, como um traço muito freqüente, o sentimento de que a vida não lhes deu o que lhes fora prometido. Uma convicção de que não gozam o suficiente pois alguém lhes raptou um fragmento de satisfação. É comum relatarem que após uma sessão foram a uma cartomante, participaram de um ritual afro-brasileiro ou ainda freqüentaram um culto católico, tudo isso acompanhado de antidepressivos e dietas espirituais ou ainda de drogas não convencionais. O sincretismo parece ter uma curiosa convergência com o incremento do *potencial de gozo* suposto em uma vivência. Ele implica também uma *transferência oscilante* porque organizada pela eficácia em produzir um certo tipo de experiência. Podemos dizer que entre o saber psiquiátrico e a teoria mágico-religiosa do sofrimento psíquico não há oposição mas sincretismo. Isso ocorre porque o saber suposto, que engendraria um sujeito capaz de gozar sem limite, não é atribuído a uma instância paterna mas remetido à um curioso deslocamento materno-feminino. É a criança, e à relação mãe-criança, mais do que qualquer outra figura aquela na qual se deposita as esperanças de universalização do gozo. A psicanálise encontra assim uma segunda encruzilhada: deixar-se diluir nas práticas de intensificação dos prazeres ou inventar uma forma não repressiva de detenção do gozo.

---

<sup>19</sup> Freud, S. – Fetichismo (1927), in Sigmund Freud Obras Completas, Vol XXI, Amorrortu, Buenos Aires, 1988.

<sup>20</sup> Foucault, M. – Em Defesa da Sociedade, Martins Fontes, São Paulo, 2001.

## 6. Conclusão

A presença extensiva da psicanálise na cultura e na sociedade brasileira pode ser atribuída a uma espécie de dupla falha nas condições que genericamente habilitam o desenvolvimento da psicanálise em um país. O fracasso da individualização de tipo liberal torna a dissociação entre figura e função paterna um fato constitutivo das formas de sociabilidade não um desvio de rota a ser corrigido. Ao contrário de culturas com forte sedimentação identitária, marcadas por uma hetero-ironização, a aparente determinação por subtração da identidade brasileira conduz a uma espécie de *auto-ironia* espontânea. Em outras palavras para procurar um analista é importante que o sujeito não se leve a sério demais, reconhecendo o descentramento de si como parte de sua morada. A desconfiança quanto à crença em si mesmo redundando em práticas discursivas de alta flutuação onde o *contra-sentido* é dominante. Um exemplo disso é a atual popularidade de nosso presidente que apesar da problemática situação do país mantém-se capaz de produzir imagens e piadas profundamente auto-irônicas. Ele sabe que há um consenso nacional de que “*O país não presta, mas mesmo assim Deus é Brasileiro*”.

Por outro lado o sincretismo cultural brasileiro permite uma redução da patologização associada em outros países à procura de um psicanalista. Ao contrário da moral protestante que localiza nisso a expressão de uma fraqueza individual e da moral católica que faz disso uma extensão do dispositivo da culpa, a moral sincrética parece favorecer o *deslocamento de transferências* e uma recusa ao fundamentalismo que não se mostre um meio eficaz e barato de gozo. Concluimos assim que às condições necessárias para a implantação da psicanálise em um país, segundo postula Roudinesco, deve se acrescentar a contingência de que não se as leve sério demais. Com afirmou Zizek: “*a terapia psicanalítica é necessária onde ela não é possível, é possível apenas onde ela não é mais necessária*”<sup>21</sup>.

Christian Ingo Lenz Dunker, psicanalista, doutor em psicologia, professor do Departamento de Psicologia Clínica do IPUSP e do mestrado em psicologia da Unimarco, autor de *Lacan e a Clínica da Interpretação* (Hacker, 1996) e *O Cálculo Neurótico do Gozo* (Escuta, 2002).

R. Abílio Soares, 932 Paraíso São Paulo - SP

[chrisdunker@uol.com.br](mailto:chrisdunker@uol.com.br)

3887-0781

---

<sup>21</sup> Zizek, S. – *The Metastases of Enjoyment: six essays on women and causality*, London, Verso, 1994:15.